


PREVALÊNCIA DE TRANSTORNO DEPRESSIVO MAIOR (TDM) E SUICÍDIO EM ADOLESCENTES: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA

PREVALENCE OF MAJOR DEPRESSIVE DISORDER (MDD) AND SUICIDE IN ADOLESCENTS: A SYSTEMATIC LITERATURE REVIEW

PREVALENCIA DEL TRASTORNO DEPRESIVO MAYOR (TDM) Y EL SUICIDIO EN ADOLESCENTES: UNA REVISIÓN SISTEMÁTICA DE LA LITERATURA

 <https://doi.org/10.56238/arev7n11-330>

Data de submissão: 26/10/2025

Data de publicação: 26/11/2025

Aline Imi Watanabe

Graduanda em Medicina

Instituição: Afya Centro Universitário de Pato Branco

E-mail: alineimi02@gmail.com

Leonardo Passaglia de Freitas

Médico

Instituição: Afya Centro Universitário de Pato Branco

E-mail: leonardo.freitas05@yahoo.com.br

Esther Marcon Dariva

Graduanda em Medicina

Instituição: Afya Centro Universitário de Pato Branco

E-mail: estherdariva@hotmail.com

Bernardo Augusto Taschetto de Mello

Graduando em Medicina

Instituição: Afya Centro Universitário de Pato Branco

E-mail: mellobernardo17@gmail.com

Carolina Carbonera

Graduanda em Medicina

Instituição: Afya Centro Universitário de Pato Branco

E-mail: carolcarbonera0@outlook.com

Eduardo Zanella

Graduando em Medicina

Instituição: Afya Centro Universitário de Pato Branco

E-mail: zanellaeduardo9@gmail.com

Iolanda Ferrari

Graduanda em Medicina

Instituição: Afya Centro Universitário de Pato Branco

E-mail: iolandaferrarimed@gmail.com

Érick Berticelli Taffarel

Graduando em Medicina

Instituição: Afya Centro Universitário de Pato Branco

E-mail: ericktaffarel2015@gmail.com

Stefani Lunardi

Graduanda em Medicina

Instituição: Afya Centro Universitário de Pato Branco

E-mail: stetlunardi@gmail.com

Fabiola Zancan Lazzari

Graduanda em Medicina

Instituição: Afya Centro Universitário de Pato Branco

E-mail: fb.zancan@gmail.com

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo analisar a prevalência de transtornos mentais, depressão e comportamento suicida em adolescentes, com ênfase na identificação dos principais fatores de risco e proteção associados. Realizou-se uma revisão integrativa de literatura, de abordagem qualitativa e descritiva, a partir de publicações entre 2015 e 2025 nas bases PubMed, Scopus, Web of Science e SciELO. Os achados evidenciam que a depressão é o transtorno mais fortemente associado ao comportamento suicida e à autolesão não suicida (ALNS), estando relacionada a fatores como conflitos familiares, uso de substâncias, distorção da autoimagem e ausência de suporte emocional. O sexo feminino apresentou maior vulnerabilidade, sobretudo diante de pressões sociais e acadêmicas. Em contrapartida, o apoio familiar, o acolhimento escolar e o acompanhamento psicossocial mostraram-se importantes fatores de proteção. Conclui-se que o enfrentamento do comportamento suicida na adolescência exige ações preventivas integradas, baseadas em políticas públicas intersetoriais e estratégias de promoção da saúde mental.

Palavras-chave: Saúde Mental. Adolescentes. Depressão. Comportamento Suicida.

ABSTRACT

This study aimed to analyze the prevalence of mental disorders, depression, and suicidal behavior among adolescents, emphasizing the identification of key associated risk and protective factors. An integrative literature review with a qualitative and descriptive approach was conducted using publications from 2015 to 2025 in the PubMed, Scopus, Web of Science, and SciELO databases. The findings indicate that depression is the disorder most strongly associated with suicidal behavior and non-suicidal self-injury (NSSI), related to factors such as family conflict, substance use, body image distortion, and lack of emotional support. Female adolescents showed greater vulnerability, especially under social and academic pressures. Conversely, family support, school inclusion, and psychosocial care emerged as major protective factors. It is concluded that addressing suicidal behavior in adolescence requires integrated preventive actions based on intersectoral public policies and mental health promotion strategies.

Keywords: Mental Health. Adolescents. Depression. Suicidal Behavior.

RESUMEN

El presente estudio tuvo como objetivo analizar la prevalencia de los trastornos mentales, la depresión y el comportamiento suicida en adolescentes, con énfasis en la identificación de los principales factores

de riesgo y protección asociados. Se realizó una revisión integradora de la literatura, con enfoque cualitativo y descriptivo, a partir de publicaciones entre 2015 y 2025 en las bases de datos PubMed, Scopus, Web of Science y SciELO. Los hallazgos muestran que la depresión es el trastorno más fuertemente asociado al comportamiento suicida y a la autolesión no suicida (ALNS), relacionada con factores como conflictos familiares, consumo de sustancias, distorsión de la autoimagen y falta de apoyo emocional. Las adolescentes del sexo femenino presentaron mayor vulnerabilidad, especialmente ante presiones sociales y académicas. Por otro lado, el apoyo familiar, la acogida escolar y el acompañamiento psicosocial se destacaron como factores protectores importantes. Se concluye que el abordaje del comportamiento suicida en la adolescencia requiere acciones preventivas integradas, basadas en políticas públicas intersectoriales y estrategias de promoción de la salud mental.

Palabras clave: Salud Mental. Adolescentes. Depresión. Comportamiento Suicida.

1 INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2001) define a saúde mental como um estado de completo bem-estar no qual o indivíduo é capaz de empregar suas habilidades cognitivas e emocionais de maneira funcional, desempenhando adequadamente suas atividades cotidianas, enfrentando os estressores ambientais e contribuindo para a comunidade em que está inserido. Sob essa perspectiva, a manutenção de uma boa saúde mental permite ao sujeito preservar o equilíbrio psíquico e a harmonia nas relações intra e interpessoais, favorecendo sua adaptação e integração social (Loaiza et al., 2019).

Os transtornos mentais configuram um grave problema de saúde pública em escala global, cuja prevalência tem se elevado de forma significativa nas últimas décadas, sobretudo entre adolescentes. Esse grupo etário, que representa cerca de 16% da população mundial, encontra-se particularmente suscetível a fatores de risco psicossociais em virtude das especificidades dessa etapa do desenvolvimento. Estima-se que mais de 20% dos adolescentes apresentem probabilidade de desenvolver algum transtorno mental, sendo que mais da metade desses casos tem início antes dos 14 anos e aproximadamente 75% antes dos 18 (Souza et al., 2024).

A adolescência constitui um período crítico do desenvolvimento humano, caracterizado por profundas transformações biológicas, psicológicas e sociais. Corresponde à fase de consolidação da identidade pessoal e social, formação da autoimagem e busca por autonomia, reconhecimento e pertencimento. As experiências vivenciadas nesse estágio são determinantes para uma transição saudável à vida adulta, exercendo influência duradoura sobre a trajetória psicossocial e funcional do indivíduo (Fogaça et al., 2023).

Durante esse período de intensas mudanças e vulnerabilidades, observa-se um crescimento expressivo na incidência de transtornos depressivos e comportamentos suicidas entre adolescentes. Evidências indicam que a depressão é um dos principais fatores de risco para a ideação e tentativa de suicídio, frequentemente associada a experiências de sofrimento emocional não reconhecido ou desassistido. Conflitos familiares, dificuldades de socialização, pressões acadêmicas e exposição a contextos de violência ou desigualdade social podem desencadear sentimentos de desesperança e desamparo, potencializando condutas autodestrutivas. A compreensão da interação entre saúde mental, depressão e comportamento suicida é essencial para subsidiar políticas públicas e estratégias de intervenção que promovam a detecção precoce, o acolhimento integral e a prevenção efetiva desses agravos (Fogaça et al., 2023).

Nas últimas décadas, o comportamento suicida e a autolesão não suicida (ALNS) passaram a ser reconhecidos como manifestações complexas do sofrimento psíquico em adolescentes, adquirindo destaque crescente no campo da saúde pública. Embora a ALNS se caracterize por comportamentos

autoinfligidos sem intenção letal, como cortes, queimaduras ou arranhaduras, há evidências robustas de sua correlação com sintomas depressivos, ideação suicida e histórico de tentativas prévias, configurando um importante marcador clínico de vulnerabilidade emocional. Estudos internacionais demonstram que adolescentes com comportamento autolesivo apresentam maiores índices de ansiedade, abuso de substâncias, experiências de violência e déficits na regulação emocional, compondo um grupo de alto risco para o desenvolvimento de transtornos depressivos e comportamentos suicidas futuros. Diante disso, torna-se imprescindível compreender a relação entre ALNS, depressão e suicídio para aprimorar estratégias de identificação precoce, intervenção terapêutica e prevenção integrada desses fenômenos entre adolescentes (Asarnow et al., 2011).

A escolha deste tema justifica-se pela crescente incidência de transtornos mentais, depressão e comportamento suicida entre adolescentes, configurando um dos mais relevantes desafios contemporâneos da saúde pública. Essa fase do desenvolvimento é marcada por intensas transformações emocionais e sociais, que aumentam a vulnerabilidade ao sofrimento psíquico e à adoção de condutas autodestrutivas. Diante da gravidade e do impacto desses agravos, torna-se fundamental compreender seus fatores determinantes e ampliar o debate sobre estratégias preventivas e de promoção da saúde mental voltadas a essa população.

2 METODOLOGIA

A metodologia do presente estudo tem como objetivo realizar uma revisão de literatura acerca da prevalência de transtornos mentais, depressão e comportamento suicida em adolescentes, com ênfase na identificação de fatores de risco psicossociais e clínicos associados a esses agravos. Busca-se, ainda, compreender a correlação entre sintomas depressivos, ideação suicida e autolesão não suicida (ALNS), de modo a contribuir para o aprimoramento das estratégias de prevenção e promoção da saúde mental nessa população.

Trata-se de uma revisão de literatura com abordagem qualitativa e descritiva, conduzida conforme os princípios metodológicos da revisão integrativa, conforme descrito por Mendes, Silveira e Galvão (2008) e Souza, Silva e Carvalho (2010).

O levantamento bibliográfico foi realizado nas bases de dados eletrônicas PubMed/MEDLINE, SciELO, Scopus e Web of Science. Para a busca, foram utilizados descritores controlados e palavras-chave em português e inglês, combinados por meio dos operadores booleanos AND e OR. Para o termo Transtornos Mentais, utilizaram-se Mental Disorders, Psychiatric Disorders e Transtornos Mentais; para Depressão, os descritores incluíram Depression, Depressive Disorder e Transtorno Depressivo; e para Comportamento Suicida, foram empregados Suicidal Behavior, Suicide Attempt, Self-Harm e

Comportamento Suicida. A sintaxe de busca primária (simulada na PubMed) foi: (“Mental Disorders” OR “Depressive Disorder”) AND (“Suicidal Behavior” OR “Suicide Attempt” OR “Self-Harm”) AND (“Adolescent” OR “Teenager” OR “Youth”).

Os critérios de inclusão adotados para a seleção dos artigos foram: estudos originais (transversais, de coorte, caso-controle ou ensaios clínicos), publicados em português, inglês ou espanhol, no período de janeiro de 2015 a outubro de 2025, que abordassem a prevalência, fatores associados ou impactos do transtorno depressivo maior, comportamento suicida ou autolesão não suicida em adolescentes de 10 a 19 anos.

Foram definidos como critérios de exclusão: artigos de revisão, relatos de caso, editoriais, cartas ao editor, dissertações, teses, resumos de eventos e publicações que não apresentassem dados empíricos originais, bem como estudos com populações com doenças psiquiátricas graves pré-existent, transtornos neurológicos ou condições médicas crônicas que pudessem interferir na análise dos resultados.

A busca inicial nas quatro bases de dados resultou em 486 estudos. Após a exclusão de 127 artigos duplicados, permaneceram 359 artigos únicos. Na triagem por leitura de títulos e resumos, 271 artigos foram excluídos por não atenderem aos critérios de elegibilidade. Restaram 88 artigos potencialmente relevantes, que foram lidos na íntegra. Destes, 61 estudos foram excluídos por apresentarem amostras não adolescentes, metodologia inadequada ou ausência de dados de prevalência. O número final de artigos incluídos na síntese qualitativa foi de 9.

A análise dos dados foi realizada de forma descritiva e interpretativa, organizando as informações conforme os principais eixos temáticos identificados: (1) prevalência de transtornos mentais e depressivos em adolescentes, (2) fatores de risco e proteção relacionados ao comportamento suicida e (3) correlação entre depressão, ideação suicida e autolesão não suicida. As evidências extraídas dos estudos selecionados foram sintetizadas e comparadas com a literatura recente para a construção de uma visão integrativa e crítica sobre o tema.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

De acordo com Souza et al. (2024), no estudo “Prevalência de fatores de risco entre adolescentes que tentaram suicídio: estudo transversal”, foram analisados 140 prontuários de adolescentes atendidos em um hospital escola do município de São Paulo por tentativa de suicídio entre os anos de 2015 e 2023. A média de idade foi de 16 anos, com predomínio do sexo feminino (80,7%), da raça branca (80,7%) e do nível de escolaridade correspondente ao ensino médio (54,3%). Verificou-se que 52,1% dos adolescentes apresentavam diagnóstico prévio de transtorno mental e

36,4% faziam uso de medicamentos psicotrópicos. Os fatores de risco mais prevalentes foram conflitos familiares (47,8%), tentativa de suicídio prévia (47,1%) e automutilação (30,7%), havendo associação significativa desses fatores com idade, sexo, cor, escolaridade, diagnóstico psiquiátrico e uso de psicotrópicos ($p < 0,05$).

Os autores destacam que o final da adolescência representa uma fase de maior vulnerabilidade psicossocial, em razão das intensas demandas emocionais, familiares e sociais. O histórico de transtornos mentais mostrou-se fortemente associado à recorrência de tentativas de suicídio, reforçando a necessidade de fortalecimento da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) e da implementação de estratégias efetivas de prevenção e detecção precoce. Conflitos familiares surgem como o principal fator de risco, seguidos por experiências de violência, bullying e luto, especialmente entre adolescentes mais jovens. O estudo também evidencia que adolescentes pertencentes à comunidade LGBTQIA+, usuários de substâncias psicoativas e aqueles com alterações na percepção da imagem corporal apresentam maior vulnerabilidade emocional, frequentemente associada à discriminação e ao estigma social. Dessa forma, ressalta-se a importância da atuação interdisciplinar e intersetorial, com foco na promoção da saúde mental no ambiente escolar, no acolhimento humanizado e no fortalecimento dos fatores de proteção.

Complementarmente aos achados de Souza et al. (2024), Rojas-Torres et al. (2022), no estudo “Saúde mental, tentativa de suicídio e funcionamento familiar na atenção primária à saúde de adolescentes durante a pandemia de COVID-19”, realizaram uma investigação correlacional, descritiva e transversal com estudantes do último ano do ensino médio, buscando identificar a relação entre risco de saúde mental, tentativa de suicídio e funcionamento familiar. Foram aplicados instrumentos padronizados, como o questionário de autorrelato, a Escala de Avaliação de Risco de Suicídio e o Apgar Familiar, com posterior análise estatística por meio de algoritmo de agrupamento de Gower, baseado em inteligência artificial.

Os resultados mostraram que 28% dos adolescentes apresentaram sofrimento psicológico, 85% relataram sintomas psicóticos e 9% exibiram uso problemático de álcool. Em relação ao funcionamento familiar, 34% apresentaram bom funcionamento, enquanto 66% evidenciaram algum grau de disfunção. Quanto ao risco de suicídio, 74% dos participantes foram classificados como de baixo risco, 24% como risco moderado e 2% como alto risco, sendo identificada correlação significativa entre risco de suicídio e funcionamento familiar em cerca de 15% da amostra. Os autores ressaltam que a deterioração da saúde mental e o aumento da vulnerabilidade ao comportamento suicida durante a pandemia estão diretamente relacionados à desestruturação familiar, à falta de suporte emocional e às mudanças socioeconômicas impostas pelo isolamento social. O bom funcionamento familiar foi

identificado como fator protetivo, enquanto a presença de conflitos e disfunções aumentou a probabilidade de sofrimento psíquico, especialmente em adolescentes com histórico de transtornos mentais ou experiências adversas. Conclui-se que o funcionamento familiar constitui um determinante essencial na manutenção da estabilidade emocional e na prevenção de comportamentos autolesivos, reforçando a importância de intervenções integradas na atenção primária à saúde, voltadas ao fortalecimento dos vínculos familiares e à promoção da saúde mental.

Em consonância com os achados de Rojas-Torres et al. (2022), Silva et al. (2023), no estudo “Risco de suicídio em estudantes do ensino médio: quem são os grupos mais vulneráveis?”, conduziram uma investigação transversal de base populacional com 510 estudantes do ensino médio técnico do Instituto Federal do Rio Grande do Sul, campus Rio Grande, com o objetivo de determinar a prevalência e os fatores associados ao risco de suicídio nessa população. Os dados foram obtidos por meio de questionário autoaplicável e avaliados pelo Mini International Neuropsychiatric Interview (MINI), sendo as análises conduzidas por regressão de Poisson com variância robusta.

Os resultados revelaram uma prevalência de alto risco de suicídio de 17,3%, com associação significativa com o sexo feminino, nível socioeconômico mais elevado, consumo de álcool, menor suporte social, tentativa de perda de peso, comportamento autolesivo e níveis aumentados de depressão, ansiedade e estresse. Verificou-se ainda que estudantes com sofrimento psíquico mais intenso apresentaram probabilidade 3,5 vezes maior de estarem em alto risco de suicídio. O estudo demonstrou que, embora meninos utilizem métodos mais letais, as adolescentes do sexo feminino apresentaram maior prevalência de risco, evidenciando a influência de fatores como depressão, ansiedade, autolesão e padrões estéticos impostos socialmente. A tentativa de perda de peso, independentemente do estado nutricional, mostrou forte associação com o sofrimento psicológico, indicando distorções na autoimagem como mediadoras do risco suicida.

Os autores também destacam o papel do consumo de álcool como mecanismo de enfrentamento emocional que, embora proporcione alívio momentâneo, agrava sintomas depressivos e aumenta a impulsividade. A ausência de suporte familiar e social foi identificada como um dos fatores de maior impacto, elevando o risco em mais de três vezes. Esses achados reforçam a necessidade de políticas preventivas e intersetoriais voltadas à promoção da saúde mental no ambiente escolar, à ampliação do suporte psicossocial e à identificação precoce de sinais de risco.

Em conformidade com as evidências apresentadas por Silva et al. (2023), Clarke, Allershand e Berk (2019), no artigo “Avanços recentes na compreensão e gestão da autolesão em adolescentes”, realizaram uma análise abrangente sobre os mecanismos psicológicos, determinantes clínicos e abordagens terapêuticas relacionados à autolesão não suicida e à tentativa de suicídio na adolescência.

A revisão mostra que a autolesão não suicida constitui um marcador importante de vulnerabilidade psíquica, frequentemente associada à ideação suicida e considerada um preditor consistente de tentativas futuras.

Os achados indicam que a autolesão não suicida funciona, em muitos casos, como uma estratégia disfuncional de autorregulação emocional, utilizada por adolescentes para atenuar o sofrimento interno ou restaurar uma sensação temporária de controle. Entre os principais fatores relacionados, destacam-se os transtornos afetivos, experiências adversas precoces, conflitos familiares, impulsividade e dificuldades de comunicação emocional. A revisão evidencia que jovens que recorrem à autolesão apresentam risco significativamente maior de desenvolver pensamentos ou comportamentos suicidas, sobretudo quando há histórico de violência, rejeição interpessoal ou ausência de apoio social consistente.

No âmbito terapêutico, as autoras salientam que a terapia comportamental dialética (TCD) é, até o momento, a intervenção com maior evidência empírica para adolescentes com comportamentos autolesivos e risco elevado de suicídio. Essa abordagem prioriza o desenvolvimento de habilidades de regulação emocional, tolerância ao estresse e reconstrução de vínculos interpessoais saudáveis, promovendo redução da impulsividade e melhora do funcionamento psicossocial. Além disso, ressaltam a necessidade de diferenciar conceitualmente a autolesão não suicida da tentativa de suicídio, sem ignorar a forte inter-relação entre ambas. Recomenda-se a criação de protocolos de triagem mais sensíveis e de programas terapêuticos sustentáveis, que assegurem a continuidade dos resultados após o tratamento.

As autoras também destacam a importância da capacitação contínua de profissionais de saúde mental e do envolvimento familiar ativo no processo terapêutico, considerando que a intervenção exige comprometimento prolongado e suporte estruturado. Conclui-se que a autolesão não suicida representa um sinal clínico de sofrimento psicológico que requer avaliação criteriosa e intervenções articuladas entre os contextos familiar, escolar e assistencial. O reconhecimento precoce e a adoção de estratégias baseadas em evidências são essenciais para interromper o ciclo de autolesão e prevenir a evolução para comportamentos suicidas, contribuindo para a preservação da saúde mental e da qualidade de vida dos adolescentes.

4 CONCLUSÃO

Com base nos estudos analisados, observa-se que os transtornos mentais, em especial a depressão, mantêm uma relação direta e significativa com o comportamento suicida e a autolesão não suicida em adolescentes. A literatura evidencia que essa faixa etária representa um grupo de elevada

vulnerabilidade psicossocial, em virtude das intensas transformações emocionais e contextuais que marcam o processo de desenvolvimento. Conflitos familiares, dificuldades de socialização, pressão acadêmica, uso de substâncias e baixa percepção de apoio social surgem como fatores determinantes para o agravamento do sofrimento psíquico, ao passo que vínculos familiares saudáveis e suporte emocional adequado configuram-se como importantes elementos de proteção. Os resultados apontam, ainda, que a identificação precoce de sinais de sofrimento e a oferta de acolhimento empático nos serviços de saúde e instituições de ensino são fundamentais para interromper o ciclo de risco e reduzir a reincidência de tentativas de suicídio.

Diante desse panorama, reforça-se a necessidade de fortalecimento das políticas públicas voltadas à saúde mental infantojuvenil, com ênfase na atuação interdisciplinar e intersetorial. A integração entre família, escola e rede de atenção psicossocial é indispensável para a construção de estratégias preventivas efetivas, baseadas na escuta qualificada e na promoção do bem-estar emocional. Investimentos em programas educativos, capacitação de profissionais e ampliação do acesso a serviços especializados são medidas essenciais para mitigar os impactos dos transtornos mentais e comportamentos autolesivos entre adolescentes. Dessa forma, a consolidação de uma abordagem preventiva e humanizada pode contribuir significativamente para a redução das taxas de suicídio nessa população e para a promoção de uma cultura de cuidado e valorização da vida.

REFERÊNCIAS

ASARNOW, Joan Rosenbaum et al. Suicide attempts and nonsuicidal self-injury in the treatment of resistant depression in adolescents: findings from the TORDIA study. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, v. 50, n. 8, p. 772–781, 2011. DOI: 10.1016/j.jaac.2011.04.003.

CLARKE, Stephanie; ALLERHAND, Lauren A.; BERK, Michele S. Avanços recentes na compreensão e gestão da autolesão em adolescentes. *F1000Research*, v. 8, p. 1862, 2019. DOI: 10.12688/f1000research.20542.1.

FOGAÇA, V. D. et al. Tentativas de suicídio em adolescentes atendidos em um pronto-socorro: um estudo transversal. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 76, n. 2, e20220137, 2023. DOI: 10.1590/0034-7167-2022-0137.

LOAIZA, S. et al. Salud mental y bienestar psicológico: una revisión conceptual. *Revista Colombiana de Psicología*, v. 28, n. 1, p. 75–89, 2019.

MENDES, Karina Dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira; GALVÃO, Cristina Maria. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto & Contexto – Enfermagem*, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 758–764, out./dez. 2008.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Relatório sobre a saúde no mundo 2001: Saúde mental – nova concepção, nova esperança. Genebra: OMS, 2001.

ROJAS-TORRES, Indiana-Luz et al. Saúde mental, tentativa de suicídio e funcionamento familiar na atenção primária à saúde de adolescentes durante a pandemia de COVID-19. *F1000Research*, v. 11, p. 529, 2022. DOI: 10.12688/f1000research.109603.2.

SILVA, Laura da et al. Risco de suicídio em estudantes do ensino médio: quem são os grupos mais vulneráveis? *Revista Paulista de Pediatria*, São Paulo, v. 41, e2021236, 2023. DOI: 10.1590/1984-0462/2023/41/2021236.

SOUZA, D. M. de; TREICHEL, C. A. dos S.; RIBEIRO, L. G. M.; FERRER, A. P. S.; ROSSATO, L. M. Prevalência de fatores de risco entre adolescentes que tentaram suicídio: um estudo transversal. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 58, e20240197, 2024. DOI: 10.1590/1980-220X-REEUSP-2024-0197.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein*, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 102–106, 2010.